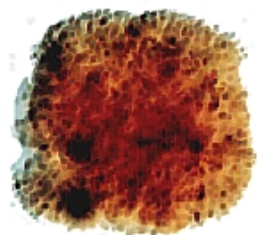


- 1 **Geologia: Sergipe-Alagoas durante o Permiano**
- 2 **Atividades & agradecimentos**
- 3 **Como colaborar com a Fundação**

PHOENIX

Ano 1
Número 6
Junho 1999



30 μm

Um mergulho no tempo geológico

Das geleiras para o deserto

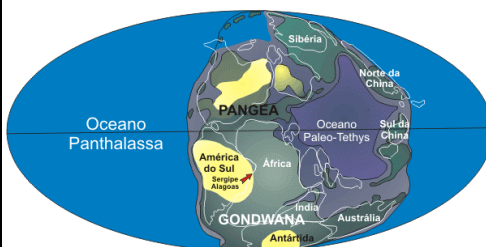
Este ano a comunidade paleontológica brasileira conta com três importantes eventos científicos: o Congresso Brasileiro de Paleontologia, a ser realizado na cidade do Crato, Ceará, entre 01 e 07 de Agosto, e o 5º Simpósio sobre o Cretáceo do Brasil, que será realizado em conjunto com o 1º Simpósio sobre o Cretáceo da América do Sul, em Serra Negra, São Paulo, entre 29 e 02 de Setembro.

A equipe da **Fundação Paleontológica Phoenix** participará dos dois eventos, apresentando alguns dos trabalhos realizados nos últimos meses e as atividades desenvolvidas na área de ensino de paleontologia.

Geologia: Sergipe-Alagoas durante o Permiano

Neste número damos continuidade à apresentação da história geológica da bacia de Sergipe-Alagoas, mostrando os registros sedimentares que sucederam aos depósitos gerados pelas geleiras do Carbonífero superior.

Após o período glacial do final do Carbonífero, há cerca de 300 milhões de anos, os registros que ficaram preservados são representados por sedimentos depositados durante o Permiano, um período do Paleozóico situado entre 290 e 245 milhões de anos atrás.



Mapa paleogeográfico do final do Permiano (cerca de 255 milhões de anos). Sergipe e Alagoas estavam situadas em áreas sub-equatoriais (adaptado de Scotese, 1997).

Neste período, o clima foi bastante diferente do anterior. Com a movimentação do grande continente de Gondwana das altas latitudes para a região equatorial, o clima tornou-se bastante seco e quente. As geleiras e algumas áreas com provável influência marinha do período anterior foram substituídas por extensos corpos aquosos, provavelmente lagos, e campos de dunas. As florestas de clima temperado foram progressivamente substituídas por uma vegetação escassa e de pequeno porte.

Embora o clima fosse mais árido e quente do que aquele existente durante o Carbonífero, a existência dos lagos propiciou a proliferação de grande quantidade de algas, muitas microscópicas. Os sedimentos transportados pela água e pelos ventos eram aprisionados na malha orgânica a partir do crescimento destas algas, formando verdadeiros tapetes algais. Estas construções algais ficaram preservadas nas rochas sob a forma de estromatólitos, constituindo uma forma fóssil bastante comum nestas rochas.

Esta mudança climática ficou também registrada em outras bacias brasileiras, como na bacia de Tucano (Bahia), Parnaíba (Maranhão-Piauí) e Paraná.



Morro do Aracaré, às margens do rio São Francisco, em Sergipe - localidade-tipo das rochas permianas na bacia de Sergipe-Alagoas (Foto: Wagner Souza Lima).

Rochas de idade permiana ocorrem principalmente na região sul do Estado de Alagoas. Entretanto, um dos afloramentos mais característicos desta idade, estudado ainda por Hartt no século passado, situa-se em Sergipe, às margens do rio São Francisco, pouco a sul da cidade de Neópolis.

Nesta região, estas rochas são representadas por arenitos interpretados como de origem eólica e por níveis de laminitos algais silicificados.



Arenitos de origem eólica de idade permiana - um deserto? (Foto: Wagner Souza Lima).

O clima quente e árido não propiciou o desenvolvimento de uma fauna e flora diversificada durante o Permiano nesta região. Exceto pelas bioconstruções algais, nenhuma outra grande forma fóssil foi até o momento encontrada. Como microfósseis, ocorrem alguns esporomorfos de gimnospermas, cuja associação confere idade permiana a estas rochas. A presença da alga *Botryococcus braunii* e de prováveis algas carófitas sugere que estas rochas foram originadas em um ambiente sob influência de água doce.

Atividades & agradecimentos

O início do período de chuvas na região tem impossibilitado as atividades educacionais no campo junto às escolas e dificultado a coleta de fósseis.

Durante este mês foram feitas coletas apenas nas seqüências de idade permiana descritas neste número e em rochas do Aptiano inferior (cerca de 124 milhões de anos) do Estado de Alagoas.

A Fundação Paleontológica Phoenix agradece aos colegas Luiz Carlos Borges Ribeiro e Gisele Mendes Lessa del Giudice pelas mensagens de apoio recebidas. Agradecemos também à equipe da PETROBRAS/E&P-SEAL/GEXP/GEDOC

pela doação de livros e revistas.

Como colaborar com a Fundação

Havendo interesse, sua colaboração como pessoa física ou jurídica será sempre bem-vinda.

Podem ser doados livros, instrumentos óticos em geral, microcomputadores ou quaisquer outros bens que possam ser úteis à Fundação, além, é claro, material paleontológico. A Fundação pretende ainda efetuar intercâmbio de material fóssil com outras instituições. No futuro, os projetos a serem criados pela Fundação e aprovados pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura poderão receber patrocínios e doações de empresas e pessoas físicas. Desta forma, os patrocinadores e doadores poderão também obter incentivos fiscais, abatendo, ainda que parcialmente, os benefícios concedidos no Imposto de Renda a ser pago.

Novo endereço para correspondência:

Rua Geraldo Menezes de Carvalho, 218

Suissa - 49050-750

Aracaju - Sergipe - Brasil

Informações gerais

Corpo técnico

Wagner Souza Lima - Geólogo
Rosana Souza Lima - Bióloga (MSc)
Edilma de Jesus Andrade - Bióloga (MSc)
Ismar de Souza Carvalho - Geólogo (DSc)
Paulo Roberto Silva Santos - Geólogo

Osmário Resende Leite - Geólogo (PhD)
Cynthia L. de C. Manso - Bióloga (MSc)
Paulo César Galm - Geólogo
Ricardo Souza Lima - Eng. Computação
Aurivonele F. Lima - Téc. Contabilidade

Contatos

e-mail: fphoenix@iname.com
fund.phoenix@sergipe.com.br

Na primeira página: *Botryococcus braunii*, uma alga fóssil da bacia Potiguar. Foto: Banco de imagens de microfósseis da PETROBRAS.